

CONJUNTURA MUNDIAL

Cenário põe câmbio livre em xeque

Enxurrada de dólares em viagem errática pelo mundo faz emergir necessidade de controle

Ubirajara Loureiro

A crise mundial, além de derubar ícones do capitalismo na área das empresas, levando de roldão gigantes do sistema bancário e da indústria dos Estados Unidos e da Europa, está colocando em xeque um dos pilares da economia liberal, que é o mercado livre de câmbio. Antes impensável, fora dos regimes de economia centralizada no Estado, herética na perspectiva da ortodoxia econômica, a mudança já se delineia devido à queda livre da cotação do dólar e ao trilionário fluxo da moeda ame-

icana que passeia pelo mundo, na operação antes conhecida como arbitragem de juros, agora rebatizada como *carry trade*, afetando os parâmetros do comércio internacional.

Essa operação consiste na tomada de crédito a baixas taxas de juros, especialmente no mercado americano, para aplicação em países emergentes em situação econômica mais favorável, como o Brasil, com um ganho real ímpar, da ordem de 4% ao ano, algo muito alto para um mundo que ainda enfrenta convulsões originadas pelo colapso do sistema financeiro dos EUA.

No Brasil e no mundo, a necessidade evidente de se estabelecer um ponto de equilíbrio estável para a situação originou uma quase unanimidade no sentido de que algum controle deve ser estabelecido sobre os fluxos internacionais de capital.

Nessa corrente de pensamento se incluem personagens como o ex-ministro da Fazenda, hoje consultor da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Érmane Galvás, e o economista e ex-diretor do Banco Central Carlos Thadeu de Freitas Gomes, também integrante do corpo técnico da CNC, além do keynesiano visceral e ex-secretário de

Política Econômica do Ministério da Fazenda Luiz Gonzaga Belluzzo.

Entre eles, a opinião unânime é de que, embora alvo natural do excesso de capital formado pelas injeções de recursos no mercado promovidas pelos bancos centrais dos países industrializados, o Brasil não pode suportar impunemente a valorização de sua moeda face ao dólar, sob pena de comprometer esforços desenvolvidos durante anos para inserir-se de maneira eficiente no comércio mundial como exportador de manufaturas e produtos industrializados, abandonando o atraso da posição de mero

fornecedor de matérias-primas.

Há também quem, como Sidnei Nehme, diretor da corretora de valores NGO, atribua a origem da valorização do real a uma política monetária equivocada colocada em prática pelo Banco Central

Desse quase consenso se excluem os especialistas acadêmicos a soldo do sistema financeiro, que, de novo, vive uma quase euforia, desvinculada dos fundamentos econômicos reais, e que prenuncia, segundo oráculos respeitados como o economista Nouriel Roubini, a formação de uma nova bolha global, cujo estouro seria inevitável.